
INTRODUÇÃO

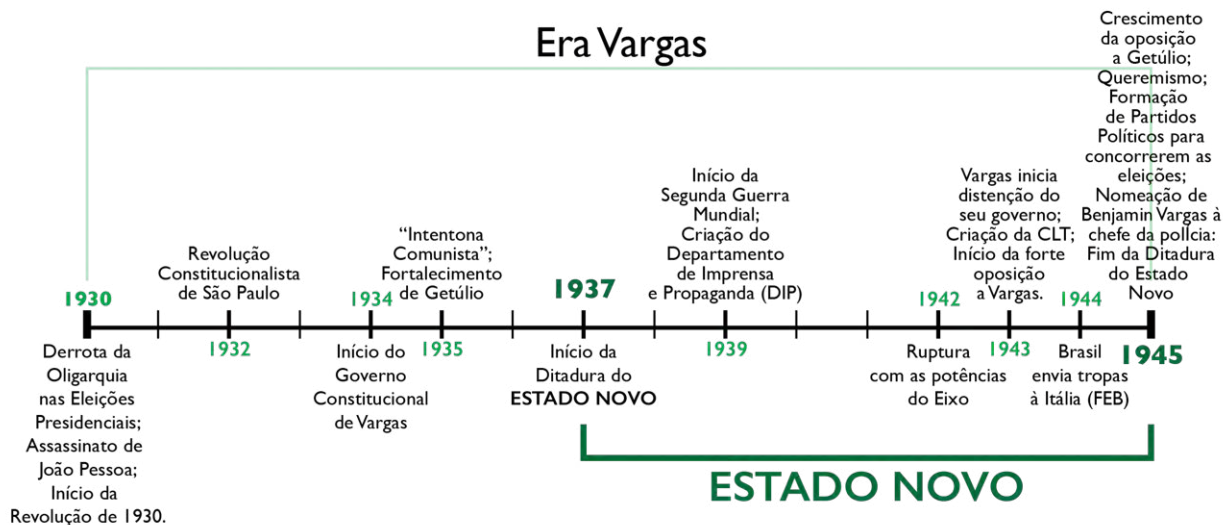
A revista carioca de variedades *Careta*, fundada por Jorge Schmidt, veiculou pelo Rio de Janeiro e outros estados brasileiros por mais de cinquenta anos (1908- 1964). O periódico, por meio da utilização humorística de charges e caricaturas, apresentava um posicionamento bastante crítico na escolha e disposição dos elementos visuais, ao retratar variadas cenas da vida social e política brasileira. Em 1937, Getúlio Vargas instaurou a Ditadura do Estado Novo, período de grande censura à imprensa e mesmo em meio ao regime, a revista conseguiu manter-se em circulação, porém, com uma certa alteração nos temas abordados.

A Fundação Biblioteca Nacional, em 2012, lançou a Hemeroteca Digital Brasileira, portal que proporciona ampla consulta, sem custos,

de seu acervo de periódicos online, sendo possível ter acesso a vários exemplares da revista semanal *Careta*. Getúlio Vargas é um personagem frequentemente representado nas capas de 1937: de cinquenta e uma capas disponíveis, ele está presente em vinte.

Esta pesquisa é uma análise de charges contidas em capas da revista *Careta*, publicadas entre 1937 e 1945, nas quais Getúlio Vargas aparece representado, e tem como objetivo estudar a sua representação nelas antes, durante e com a diminuição da opressão. Já que há pouca menção das capas da revista *Careta* em livros de Design, também visa contribuir para o acervo da Memória Gráfica Brasileira, visto que este campo de estudos aponta para uma compreensão mais ampla que o escopo da “cultura impressa” (FARIAS, 2015). Nesta pesquisa foram analisadas duas capas, sendo uma que antecedeu a ditadura, e uma capa de seu fim. Na pesquisa original de mestrado, já concluída, um total de doze capas foram analisadas.

A análise das capas foi feita por meio dos princípios do Design da Informação e de um Modelo de Análise de Charges, desenvolvido pela pesquisadora durante o mestrado, além da teoria semiótica e do contexto estético, político, econômico e social da época. Para que o leitor se situe quanto aos acontecimentos do período e uma maior compreensão do período que compreende a Ditadura do Estado Novo, apresentamos uma linha do tempo (Figura 1).



UM OLHAR SOBRE REVISTAS

As revistas são publicações, impressas ou eletrônicas, com certos diferenciais de outros meios de comunicação que as tornam únicas. Elas geralmente tratam o leitor por 'você', falam com eles mais diretamente, até com certa intimidade. A revista é uma coleção de artigos escritos e organizados, de forma que seu maior diferencial muitas vezes esteja em seu formato, sua praticidade, durabilidade e até em sua estética.

Ela é fácil de carregar, de guardar, de colocar em uma estante e de colecionar. Não suja as mãos como os jornais, cabe na mochila e disfarçada dentro de um caderno, na hora da aula. Seu papel e impressão também garantem uma qualidade de leitura – do texto e da imagem – invejável. (SCALZO, 2016, p. 39).

A Revista *Careta* foi uma revista carioca de variedades fundada por Jorge Schmidt e publicada pela primeira vez no dia 06 de junho de 1908. Sua edição Número Um apresentava como capa uma caricatura, realizada por J. Carlos, do então presidente da república Afonso Pena. Já no ano de seu lançamento, ela conquistou grande prestígio de público ao receber o Grande Prêmio da Exposição Nacional.

Figura 1. Linha do Tempo da Era Vargas (1930 - 1945) **Fonte:** A autora (2018)

A revista era publicada semanalmente, sempre veiculada aos sábados e impressa toda em papel couché, até o ano de 1916, quando viria a apresentar suporte misto com papel jornal. Disponha seus assuntos em colunas alternadas com numerosas imagens em duas ou mais cores. Seu formato original era de 18,5 x 26,7cm, sempre possuindo cerca de quarenta páginas, além de ter como um de seus principais atributos os desenhos de humor, veiculados tanto nas capas quanto em seu interior (em média oito charges).

Segundo Garcia (2005), ao escolher o substantivo “careta” para nomear seu periódico, Jorge Schmidt (fundador) e Roberto Schmidt (diretor responsável) objetivavam reiterar o perfil editorial da revista, já que a expressão, com uma forte carga semântica, seria um conjunto de expressões faciais com objetivo de provocar o riso em quem as vê: “Tal concepção estende-se às imagens de humor nela veiculadas, assumindo, assim, uma postura de contestação e crítica perante os assuntos retratados.” (GARCIA, 2005, p. 32). A Careta possuía um convívio íntimo entre a imprensa e literatura, e obtinha um aspecto irreverente e provocador ao contar com um amplo quadro de colaboradores (literatos, artistas plásticos e desenhistas).

CHARGES EM REVISTAS

A caricatura não seria necessariamente uma charge, porém, “por ser crítico de um

fato isolado, a charge pode ser enquadrada dentro do campo da caricatura. Pode ser considerada como a arte de caracterizar” (ARBACH, 2007, p. 210).

A caricatura sempre foi um meio de expor opiniões e um instrumento de crítica social, por meio da representação satírica de pessoas ou acontecimentos. Segundo Arbach (2007), a palavra caricatura tem origem no latim *caricare*, significando ação de carregar, ou seja, impor uma carga sobre algo, dando entendimento de exagerar. O exagero teria finalidade de revelar determinada característica da fisionomia humana, situação ou ação, por meio da saliência de traços com o objetivo de identificá-los por meio do humor, e sempre teria uma conotação crítica.

Para Eco (2007), a caricatura moderna nasce como instrumento polêmico voltado contra uma pessoa real ou, no máximo, contra uma categoria social reconhecível, e consiste em exagerar um aspecto do corpo (em geral, o rosto) para zombar ou denunciar, por meio de um defeito físico ou moral. Neste sentido, a caricatura nunca tenta enfeitar o próprio objeto, mas sim enfeiná-lo, enfatizando certos traços até a deformidade. A caricatura também não teria a pretensão de sempre denunciar uma feiura “interior”, pode enfatizar características físicas, intelectuais e comportamentais que, por vezes, tornam o caricaturado carismático.

Assim, o objetivo da charge é, por meio da utilização tanto de imagens quanto de textos, fazer uma crítica humorística de um acontecimento ou fato real e específico (ARBACH, 2007). Seria a reprodução gráfica

de uma notícia já conhecida pelo público sob o olhar de um chargista e, sem o conhecimento prévio do fato pelo leitor, seria difícil da mensagem presente ser captada. Assim, esta pesquisa tem como foco a charge, com conteúdo expresso por meio de representação não-verbal (caricatura) e verbal (legendas).

Segundo Garcia (2005), durante o Estado Novo, as publicações das charges na Revista Careta serviram como estratégia de oposição à propaganda oficial do governo de Vargas. A propaganda governamental de Getúlio tinha o intuito de representá-lo como um grande líder, sempre sorridente, “pai dos pobres” e uma figura carismática. No entanto, J. Carlos conseguiu, mesmo sob ação da censura, transformar Vargas em um dos seus principais personagens, ao representá-lo de forma a evitar sua satanização e investindo em um aspecto caricato lúdico, quase infantil da figura baixinha, gorducha, sorridente e de olhos cerrados, geralmente acompanhada por seu fiel charuto. Desta forma, “nota-se no semanário uma “contra-imagem” de Vargas, na qual o riso dúbio revelado pelos humoristas do traço estabelecia um confronto direto com o sorriso paternalista divulgado nos folhetos propagandísticos” (GARCIA, 2005, p. 87).

FUNDAMENTOS PARA ANÁLISE DE CHARGES

Ao realizar uma análise, é necessário estabelecer os parâmetros a partir dos quais a metodologia analítica será baseada. No caso das charges, até a realização da presente pesquisa, não foi possível encontrar um trabalho na área de Design da Informação com métodos específicos que suprissem os objetivos propostos pela pesquisadora. Desse modo, a partir de fundamentos teóricos para análise de charges, sobre os quais discorreremos abaixo, adicionados a dois modelos, propusemos um método que nos possibilite analisar as charges.

Apresentaremos na fundamentação para análise de charges as teorias propostas no trabalho intitulado “Charges: Uma leitura orientada pela Análise do Discurso de linha francesa”, de Armando Pilla e Cynthia Boos de Quadros. Segundo os autores, o discurso chargístico é um gênero estreitamente relacionado à prática jornalística, que

está repleto de infinitas possibilidades de interpretação, e por carregar visões do mundo, conformadoras ou formadoras de opiniões, assumem um importante papel na construção e legitimação de significados. As charges não estão isentas das influências sócio-históricas e “todo o processo de elaboração das charges tem por base ou fonte de inspiração outros textos e discursos, principalmente notícias veiculadas por jornais impressos e outros meios de comunicação” (PILLA; BOOS DE QUADROS, 2009, p. 1). Sendo assim, elas podem ser decisivas no processo de formação e propagação de ideologias.

Ao articular o verbal (palavra) com o não-verbal (imagem), associando recursos como o desenho caricatural e a ironia, as charges constroem variadas direções de leitura.

Portanto, a compreensão dos discursos chargísticos requer um entendimento contemporâneo ao momento em que se estabelece a relação discursiva entre os interlocutores pois, somente assim é possível perceber as estratégias utilizadas pelos vários atores sociais envolvidos no contexto de produção. Nesse percurso, um dos caminhos possíveis é aberto pela Análise do Discurso (AD) (PILLA; BOOS DE QUADROS, 2009, p. 2).

O processo de análise discursiva não tem interesse na organização linguística do texto nem em seu sentido, mas, sim, como ele pode produzir sentidos. Esses sentidos podem ser encontrados em diversas formas de produções, tanto verbais (orais e escritos) quanto não-verbais (imagens e linguagens corporais). Assim, na análise de charges

[...] é preciso dirigir atenção para as

estratégias, muitas vezes silenciosas e sutis, que insinuam leituras e escrituras no fio discursivo. Em síntese, observar os jogos cênicos, as entrelinhas, o explícito e o implícito, o dito e o não-dito. O leitor precisa ter sensibilidade para perceber os efeitos de sentido subjacentes ao texto. Afinal, todo dizer se inscreve num cosmo de sentidos pré-construídos em constante de diálogo e imbricação, um mutável e agitado universo preñado de significados. (PILLA; BOOS DE QUADROS, 2009, p. 2)

Existem várias linhas de Análise de Discurso, porém, todas elas partem do princípio que o discurso como objeto tem uma grande importância na construção da vida social e que a linguagem não seria um simples meio neutro de refletir ou descrever o mundo. A Análise de Discurso (AD) tratada no trabalho pelos autores, geralmente “estabelece a relação existente no discurso entre língua/sujeito/história ou língua/ideologia” (PILLA; BOOS DE QUADROS, 2009, p. 3).

A linguagem deve ser estudada tanto como forma linguística quanto como uma forma material da ideologia e não pode ser compreendida como um sistema sem relação com seu exterior, mas, sim, a partir de um contexto histórico-ideológico dos sujeitos que a interpretam e que a produzem. “Assim, o discurso não é apenas um texto, mas um conjunto de relações que se estabelecem nos momentos antes e durante a produção desse texto e também dos efeitos que são produzidos após a enunciação dele.” (PILLA; BOOS DE QUADROS, 2009, p. 4).

Como a imagem, o texto seria heterogêneo

e o discurso seria explicitado ao analista ao deparar-se com referências ou outras formações discursivas que ganham sentido ao derivar de ideologias definidas. Os autores afirmam que compreender a perspectiva discursiva não é atribuir um sentido, mas, sim, conhecer os mecanismos que formam o processo de significação.

É nesse jogo que Pêcheux (1990, p. 53) observa que “todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente para derivar para um outro”, o que é significativo para a AD, pois o sentido não é compreendido como unidade fixa, já que é histórico e, por isso, não imune a alterações. (PILLA; BOOS DE QUADROS, 2009, p. 6)

Ao analisar um discurso, portanto, três momentos de seu processo de produção devem ser observados: constituição, formulação e circulação.

A constituição envolve a memória do dizer, fazendo intervir o contexto histórico/ideológico mais amplo, enquanto a formulação se dá em condições de produção e circunstâncias de enunciação específicas; já a circulação se insere em certa conjuntura e também envolve certas condições. (PILLA; BOOS DE QUADROS, 2009, p. 8).

Desta forma, como resultado da análise, poderíamos compreender o processo de produções de sentido e de constituição dos sujeitos em suas posições, porém, os sentidos estariam em meio a outros e haveria mais espaço para incertezas do que para afirmações categóricas.

De acordo com Pilla e Boos de Quadros

(2009), a linguagem da charge, por mais que seja considerada efêmera e que a sua mortalidade seja fixada para o mesmo dia de sua publicação, tem uma ligação direta com o passado e dentro de um determinado contexto histórico, poderá permanecer atual enquanto crítica às questões econômicas ou sociais de um país.

Ao mesmo tempo em que a charge tem uma natureza extremamente plástica, adaptável, apoia-se num elenco de referências estáveis, altamente esquematizadas. Como num jogo, a charge envolve uma série de regras e suas peças podem ser reordenadas de acordo com os objetivos de cada partida. (PILLA; BOOS DE QUADROS, 2009, p. 9).

Por meio de uma natureza política e de um humor de traços exagerados, a charge é uma forma de editorial gráfico que, por intermédio da síntese de fatos, acaba por revelar aspectos concretos de uma determinada época histórica e explicitar uma crítica à realidade social e política, enfocando um flagrante do cotidiano.

Ao interpretar uma charge é preciso levar em consideração que o seu discurso é dirigido a sujeitos situados em determinado contexto ideológico e social, portanto, a sua leitura é exigente. E por se tratar de acontecimentos sociais, talvez não seja compreendida sem uma explicação do fato que a gerou.

Nas palavras de Nogueira (2003, p. 3), “enquanto manifestação comunicativa baseada na condensação de ideias, a sua compreensão requer um entendimento contemporâneo ao momento exposto na relação dos

personagens”, ou seja, no momento específico em que se estabelece a relação discursiva entre os interlocutores. (PILLA; BOOS DE QUADROS, 2009, p. 11).

Também não se pode ignorar o fato de que a charge é uma visão crítica em que o autor opina sobre determinado tema, portanto, expressa uma opinião explícita com fins específicos, seja o riso, provocação, crítica ou alerta à sociedade.

Como formulação para a leitura e interpretação das charges, os autores afirmam que deve-se situá-las em seu contexto sócio-histórico,

verificar as condições de produção, compreender a relação dialógica estabelecida entre texto-autor-interlocutor, identificar os julgamentos e opiniões colocadas em jogo numa dada circunstância comunicativa, desvelar a cumplicidade entre os participantes deste discurso. (PILLA; BOOS DE QUADROS, 2009, p. 12).

E ainda observar o que não está explicitamente representado nas charges, para que, desta forma, se decifrem as marcas, tanto do autor quanto da empresa jornalística, já que as charges geralmente aparecem como editorial gráfico e expressam a opinião do jornal, da direção ou da equipe de redação.

MODELO DE ANÁLISE DE CHARGES

Optamos por destacar alguns fundamentos do estudo de Pillas e Boos de Quadros, que se acreditou como relevantes para a

construção do modelo desenvolvido, além de elementos presentes nos dois modelos Americanos que serão explanados adiante.

A charge articula o verbal e não-verbal e, sendo assim, nos apresenta várias direções de leitura. A análise do discurso chargístico, por meio da linha francesa proposta pelos autores, tem como finalidade estabelecer a relação existente entre língua/sujeito/história ou língua/ideologia, já que o discurso, neste caso, as charges, não são apenas uma imagem/texto e sim um conjunto de relações estabelecidas antes, durante e após a sua produção. Portanto, segundo os autores, é fundamental, ao analisar o discurso, observar o momento de sua constituição, formulação e circulação, mesmo que haja mais espaço para incertezas do que afirmações categóricas na compreensão de sua produção de sentido, pois, por intermédio de recursos como humor de traços exagerados e ironia, as charges nos alertam sobre aspectos de determinadas épocas e, a partir de uma visão crítica de seu autor, flagram o cotidiano e nos apresentam uma realidade social e política.

O modelo de Análise de Charges disponível na Livraria do Congresso Americano “Não é Motivo de Riso: Analisando Cartoons Políticos” (It’s No Laughing Matter: Analyzing Political Cartoons) é uma atividade disponível online para que professores as realizem com seus alunos (Library of Congress, s.d.). A atividade se inicia com uma introdução ao que seriam as caricaturas políticas (“Political Cartoons”), em português seriam as charges, definindo-as como uma caricatura que tem

alguma opinião sobre um assunto ou um acontecimento político. Afirmam que se pode encontrá-las em qualquer jornal diário, mas não na área cômica (“comics section”) e sim nos editoriais, além de também estarem em revistas de notícias e websites políticos.

Segundo a atividade, as charges podem ser bastante divertidas, especialmente se o espectador estiver a par dos acontecimentos que levaram à sua criação. Porém, a sua maior finalidade não seria de entreter as pessoas e sim de persuadi-las, pois uma boa charge faz com que as pessoas pensem sobre os acontecimentos presentes, mas também tenta mudar as suas opiniões de modo que se convertam às mesmas do chargista.

A segunda explicação se inicia com a informação de que os chargistas se utilizam de certas técnicas ou métodos de persuasão, a fim de atingir o seu objetivo de forma eficaz, e que, mesmo que não se utilizem de todas elas em uma única charge, sempre usam pelo menos algumas (Quadro 1). As mais utilizadas entre as técnicas seriam: Simbolismo (“Symbolism”), Exagero (“Exaggeration”), Analogia (“Analogy”), Rotulagem/Estereótipo (“Labeling”) e Ironia (“Irony”), e, uma vez que o leitor aprendesse a reconhecer tais técnicas, além de tentar conhecer o posicionamento político do autor, o discurso chargístico estaria mais claro. É disponibilizado, então, um Guia de Análise de Charges (“Cartoon Analysis Guide”) com as definições das técnicas mais utilizadas, para que seja possível identificá-las nas charges, o qual foi bastante útil para o nosso modelo, por isso, o apresentamos abaixo:

Quadro 1 - Guia de
Análise de Charges
Fonte: Traduzido e
adaptado de “Cartoon
Analysis Guide”, in “It
’s No Laughing Matter:
Analyzing Political
Cartoons”, s.d.

SIMBOLISMO	utilização de simples objetos ou símbolos para representar maiores conceitos ou ideias;
EXAGERO	algumas vezes os chargistas exageram características de objetos ou físicas de personagens para mostrar o seu ponto de vista;
ANALOGIA	a analogia seria uma comparação entre duas coisas diferentes. Comparando uma situação complexa com uma mais familiar, os chargistas fariam com que o leitor visse a situação sob outra perspectiva e assim facilitariam a compreensão do discurso;
ROTULAGEM/ ESTEREÓTIPO	ao estereotipar pessoas e/ou objetos, o chargista torna mais claro o seu ponto de vista e o que está representado;
IRONIA	a ironia seria a diferença entre como as coisas são e como deveriam ser ou se esperava que fossem. Os chargistas normalmente fazem uso dela para expressar sua opinião sobre o assunto.

O segundo modelo em que nos baseamos está disponível no Arquivo Nacional Americano (National Archives, s.d.) e se chama “Analisar uma Charge” (Analyze a Cartoon). Ele não apresenta muita informação textual, seria um quadro com etapas utilizadas para a análise de charges, no qual nos baseamos para alguns itens do modelo proposto na análise, por isso, o descreveremos a seguir (Quadro 2).

O modelo está dividido em quatro etapas: Conheça a Charge (“Meet the cartoon”), Observe as suas partes (“Observe its parts”), Tente entender (“Try to make sense of it”) e Use-o como evidência histórica (“Use it as historical evidence”).

CONHEÇA A CHARGE	na primeira parte nos é dito para observar rapidamente toda a charge e em seguida há uma pergunta: o que você nota primeiro? Logo há uma outra pergunta: qual o título ou legenda?;
OBSERVE AS SUAS PARTES	a segunda etapa é dividida em duas: palavras e “visuais”. No lado das palavras pergunta-se se há presente marcas, descrições, pensamentos ou diálogos, enquanto abaixo do “visuais” nos é pedido para listar as pessoas, objetos e lugares na charge, além de ações ou atividades que se passam;
TENTE ENTENDER:	também está dividido entre palavras e “visuais”, porém, só em uma parte, abaixo volta a não haver distinção entre o verbal e não-verbal. No lado das palavras, há o questionamento de quais palavras ou frases seriam mais significativas e é dito para listar adjetivos que descrevam as emoções retratadas. No lado visual há duas perguntas: “Quais das imagens são símbolos?” e “O que eles representam?”. Temos, então, sem distinções de imagem ou texto, mais quatro perguntas: “Quem desenhou esta charge?,” “De quando ela é?,” “O que estava acontecendo no tempo histórico em que ela foi criada?” e, por fim, “Qual a mensagem?”, seguida da instrução de listar as evidências presentes na charge ou do prévio conhecimento sobre o chargista que levou a tal conclusão;
USE-A COMO EVIDÊNCIA HISTÓRICA	a última das etapas nos serviu como uma reafirmação da importância da realização da análise de charges, pois levanta questionamentos sobre a sua unicidade. Primeiro nos é perguntado o que foi descoberto na charge que não poderíamos aprender em qualquer outro lugar e em seguida, quais documentos ou evidências históricas usaremos para ajudar a compreender o acontecimento ou tópico.

Sendo assim, foi proposta uma Ficha de Análise que foi desenvolvida pela pesquisadora (Quadro 3). O novo instrumento de análise foi criado a partir de uma junção entre as teorias propostas por Pillas e Boos de Quadros (2008), do material para Análise de Charges (*Analyze a Cartoon*) disponível como domínio público no *National Archives* e do Guia para Análise de Charge (*Cartoon Analysis Guide*), disponibilizado por *Library of Congress*.

Quadro 2 - Como
Analisar uma Charge
Fonte: Traduzido e
adaptado de “Analyze
a Cartoon”, s.d.

UFPE| CAC| PPGDesign | Mestrado em Design
 Izabella Cavalcanti Holanda Pinto
 Orientadora: Maria Alice Rocha

Data:
 Ano:
 N°

Análise das Capas da Revista Careta e a Representação de Getúlio Vargas nos Extremos Iniciais e Finais do Estado Novo

FICHA DE ANÁLISE 2 | ANÁLISE DA CHARGE

IMAGEM DA CAPA

Descrição da Charge

Data de Circulação: _____

Autor: _____

Título ou Legenda: _____

Fato Histórico que levou à criação da Charge:

O que mais chama atenção visualmente:

Palavras/Frases mais significativas:

Adjetivos que descrevem as emoções retratadas:

Técnicas de Persuasão utilizadas:

Simbolismo Rotulagem/Esteriótipo

Exagero Ironia

Analogia

Comentários: _____

Mensagem da Charge: _____

Quadro 3 – Ficha de Análise da Charge
Fonte: Desenvolvido pelas autoras.

ANÁLISE DAS CHARGES

Aqui apresentaremos a discussão das charges presentes nas capas da Revista *Careta* selecionadas para a amostra. Lembrando que, por mais que as charges estejam espiritualmente ligadas à prática jornalística e sejam baseadas em fatos sócio-históricos, elas expressam uma visão crítica sobre determinado tema e transmitem a mensagem que o autor, a revista, a direção ou a equipe de redação, querem passar e, como se sabe, a Revista *Careta* era contrária ao governo ditatorial de Getúlio Vargas.

A análise tem início com a descrição da charge para que se possa observar todos os seus componentes e, como aconselham Pilla e Boos de Quadros (2009), dirigir atenção ao explícito e implícito, ao dito e ao não-dito. Em seguida, temos a data de circulação de cada edição, esta fundamental para nos localizar historicamente. Acredita-se, devido à constância nos traços das caricaturas, que o autor de todas as capas da amostra tenha sido J. Carlos (José Carlos de Brito e Cunha).

CAPA 01



• **Descrição da Charge:** Vargas está representado com um leve sorriso no rosto, baixinho, com pouco cabelo e gordinho, no centro da charge, de terno branco e mangas arregaçadas, lavando as suas mãos em uma grande bacia branca apoiada em um suporte no chão. Atrás do presidente está um de seus empregados, provavelmente um mordomo, vestindo um fraque e segurando uma toalha com os olhos semicerrados, como quem está entediado ou acostumado com a situação. Com a lateral para o espectador,

observa-se, em primeiro plano, o General Góis Monteiro segurando fogos de artifício com as duas mãos. Uma caixa de fósforo de tamanho bem maior que o natural está disposta no chão do ambiente e em cima dela está uma faixa com as cores do Brasil, na qual há os dizeres “Cumprimentos do Flores”.

• **Data de Circulação:** a presente capa circulou pelo país a partir do dia 11 de setembro de 1937.

• **Autor:** J. Carlos (assinada).

• **Título e Legenda:**

O rabo do foguete

- *Então, General, já fizeram as pazes?*

- *Quem?*

- *Você e o Flores.*

• **Fato histórico que levou à criação da charge:** José Antônio Flores da Cunha era fiel ao presidente Getúlio Vargas e havia participado ativamente da revolução de 1930, porém, em 1935, começou a se afastar de Vargas, já que era defensor do federalismo e era contra a centralização que alguns militares, como o General Pedro Aurélio de Góis Monteiro, juntamente com Getúlio, propunham. Em 1937, após romper com Vargas, Flores da Cunha foi obrigado a deixar o governo gaúcho.

• **O que mais chama atenção visualmente:** Vargas lavando as suas mãos.

• **Palavras/frases mais significativas:**

“Cumprimentos do Flores” - “Então General, já fizeram as pazes?” - “- Você e o Flores.”

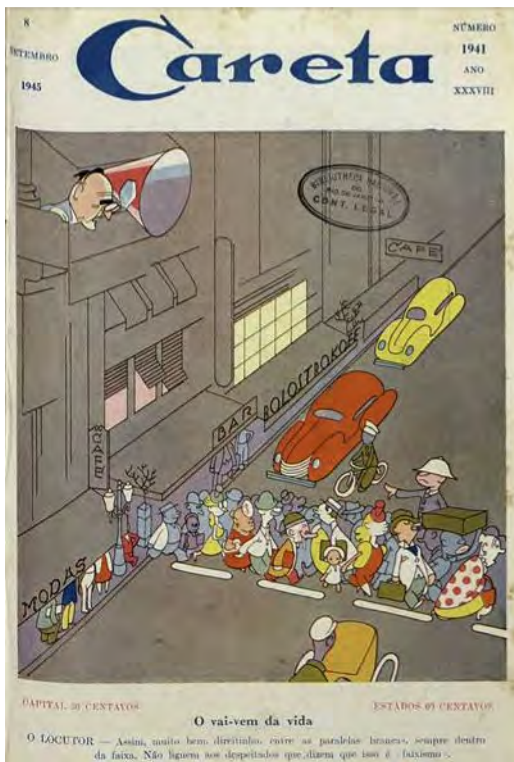
• **Adjetivos que descrevem as emoções**

retratadas: Getúlio Vargas aparenta satisfação, serenidade e divertimento, enquanto o mordomo aparenta estar entediado, acostumado com o seu serviço.

• **Técnicas de persuasão utilizadas:** as cinco técnicas de persuasão foram utilizadas na construção do discurso da charge, o simbolismo está presente no ato de lavar as mãos e em objetos como a faixa nacional, foguete e caixa de fósforo. A dimensão de alguns objetos está exagerada, além da representação de Getúlio, com estatura baixa. A analogia é feita ao utilizar, por exemplo, o ato de lavar as mãos como uma representação de se abster da tomada de decisões como fez Pilatos ao entregar o destino de Jesus Cristo ao povo. Vargas, o empregado e o General são estereotipados com características marcantes de cada um e a ironia está presente ao comparar a retirada de Flores do poder com “mandá-lo para o espaço”, além, de Getúlio apoiar os planos do General e se abster de impedir.

• **Mensagem da Charge:** satirizar o fato de Vargas se abster em relação à briga do General Góis Monteiro com Flores da Cunha, deixando nas mãos do General o destino de Flores, que, ao julgar pelos itens presentes na cena, seria “mandá-lo para o espaço”, ou seja, tirá-lo do governo do Rio Grande do Sul.

CAPA 2



• **Descrição da Charge:** em uma rua ou avenida com cafés, um bar e lojas em prédios, há um aglomerado de gente atravessando a rua (pedestres), exatamente dentro dos limites da faixa, há ainda muita gente esperando para atravessar, além de carros parados também esperando. Um guarda, aparentemente mal-humorado, está ali para controlar todas as movimentações. Enquanto isso, no topo de um dos prédios, está Vargas, com um holofote ao seu lado, debruçado no parapeito, olhando para baixo.

• **Data de Circulação:** a presente capa circulou pelo país a partir do dia 11 de agosto de 1945.

• **Autor:** não está assinada, porém, pelos traços, aparenta ser J. Carlos.

• **Título e Legenda:**

O vai-vem da vida

O LOCUTOR - Assim, muito bem, direitinho, entre as paralelas brancas, sempre dentro da faixa. Não liguem aos despeitados que; dizem que isso é <<faixismo>>.

• **Fato histórico que levou à criação da charge:** a ditadura do Estado Novo, apesar de não ser uma ditadura assumidamente fascista, apresentava muitas de suas características, como uma grande centralização do poder, censura e Vargas como elemento organizador e controlador.

• **O que mais chama atenção visualmente:** a multidão aglomerada exatamente nos limites da faixa de pedestres.

• **Palavras/frases mais significativas:** “Não liguem aos despeitados que; dizem que isso é <<faixismo>>.”

• **Adjetivos que descrevem as emoções retratadas:** a multidão apresenta emoções diversas; o guarda tem ar de seriedade, de ordem e de imposição e Vargas aparenta curiosidade, estar observando.

• **Técnicas de persuasão utilizadas:** as cinco técnicas de persuasão foram utilizadas na construção do discurso da charge, o simbolismo está presente na faixa de pedestres, em Vargas estar no topo do prédio e nos pedestres; as características corporais de Getúlio estão exageradas e também o fato de todos estarem exatamente dentro

da faixa. A analogia é feita ao utilizar a faixa de pedestre para representar a obrigação do povo obedecer a lei e a censura. Vargas e o guarda são estereotipados com características marcantes de cada um e a ironia está presente no fato de Vargas estar apenas observando tudo que ocorre de longe, para garantir que o seu governo permaneça em ordem.

• **Mensagem da Charge:** a dinâmica política e social brasileira estaria sendo representada: todos seguiam exatamente o que lhes era mandado. Fiscalizados por forças militares, viviam em um estado centralizador, totalitário, autoritário. A maior crítica estaria no trocadilho da palavra “faixista” com “fascista”. Vargas, com grande poder, observava e controlava tudo e todos.

CONCLUSÕES DA ANÁLISE

Ao finalizar a análise das duas capas selecionadas para a amostra, mais as dez capas presentes na pesquisa original, concluiu-se que, as charges, sempre no centro das capas, parecem ter servido ao seu propósito de chamar a atenção dos espectadores, trazendo uma visão crítica dos problemas políticos e sociais da época. Por meio de desenhos caricatos, nos quais estereotipavam

personagens e cenas, com grande carga satírica, era possível ver o posicionamento ideológico da *Careta*, claramente contrário ao governo Getulista.

Por se tratar de um período em que a censura era intensa e as críticas ao presidente não eram toleradas, a Revista *Careta*, como meio de oposição à Getúlio, utilizou-se da caricatura para transmitir os seus ideais. Ao representar Getúlio Vargas como um personagem engraçado e carismático, quase infantil, a revista poderia facilitar a aceitação das charges pelo governo. Deformou o seu corpo a proporções não reais, dando-lhe uma baixa estatura, distorcendo a proporção de corpo e cabeça, a qual muitas vezes era apresentada sem cabelos (careca); além de uma feiura mais sutil, a moral e de caráter. Vargas foi representado armando contra oponentes e com um sorriso malicioso, sorriso este que também é uma sátira à sua representação na propaganda oficial do seu governo, representado sempre sorridente e ajudando os menos favorecidos. Uma característica interessante da representação de Vargas nas revistas da amostra é que ele sempre está de lado para o leitor; acredita-se que seria outra forma de posicionar o leitor ao “flagrar” as manobras políticas de Getúlio, a fim de centralizar o poder cada vez mais em suas mãos.

As charges presentes nas capas da amostra utilizaram as cinco técnicas de persuasão

destacadas no Guia de Análise de Charge (Quadro 1), o que sugere uma grande eficácia ao transmitir o discurso chargístico e o ponto de vista dos responsáveis pela sua produção. Cada uma das doze capas apresentou uma mensagem diferente, sendo elas de teor crítico ao governo e/ou a personalidade de Getúlio Vargas. Desta forma, acredita-se que o objetivo da Revista *Careta* de alertar criticamente a população sobre determinados acontecimentos, além de denunciar o caráter controverso de Getúlio Vargas, tenha sido atingido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Metodologia de Análise utilizada neste trabalho mostrou-se relevante e fundamental para a obtenção de resultados. Porém, sem a fundamentação teórica, na qual aprofundou-se o contexto histórico da época; o meio em que a mensagem está vinculada, ou seja, o artefato revista; além dos fundamentos para análise de artefatos gráficos, não seria possível chegar ao que foi apresentado nas Conclusões da Análise.

A pesquisa torna-se relevante, pois a Ditadura do Estado Novo, mesmo tendo sido um marco de suma importância na História do Brasil e, como visto, apesar de

sua relevância para uma melhor compreensão do período ditatorial de Getúlio Vargas, a produção gráfica de 1937 até 1945 não possui extensa investigação. Junto às informações coletadas na dissertação, a qual apresenta um ponto de vista governamental, é proporcionado um maior entendimento das questões, tanto estéticas, sintáticas, semânticas e pragmáticas quanto políticas, econômicas e sociais da ditadura imposta em 1937, desta vez, sob um ponto de vista não-governamental, com ideologia contrária ao governo. Ademais, a investigação é de grande valia, visto que colabora para a preservação e catalogação da memória gráfica brasileira.

Espera-se que o estudo contribua para a historiografia brasileira e que tenha cooperado, de alguma forma, para ajudar a preencher uma lacuna existente na história do design gráfico brasileiro e da memória gráfica. Também por não se ter encontrado com facilidade metodologias na área do Design que se propõem a analisar charges, almeja-se que a pesquisa e o modelo desenvolvido para Análise de Charges sirvam como base para futuros trabalhos.

REFERÊNCIAS

ARBACH, Jorge Mtanios Iskandar. **O fato gráfico**: o humor gráfico como gênero jornalístico. 2007. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) - Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo.

ECO, Humberto. **A História da Feiura**. Rio de Janeiro, 2007.

FARIAS, Priscila L.. On graphic memory as a strategy for design history. In: ICDHS 2014 - 9th Conference of the International Committee for Design History and Design Studies, 2015, Aveiro. Tradition, Transition, Trajectories: major or minor influences? [=ICDHS 2014 - 9th Conference of the International Committee for Design History and Design Studies, Aveiro]. São Paulo: Blucher, 2015. p. 201-206.

GARCIA, Sheila do Nascimento. **Revista Careta**: um estudo sobre humor visual no Estado Novo (1937 – 1945) ✕ Sheila do Nascimento Garcia. Assis, 2005. 239 f. : il.

LIBRARY OF CONGRESS. n.d.. It's No Laughing Matter Analyzing Political Cartoons: Learning Activity Model. Library of Congress: American Memory, The Learning Page. Acessado em 08 de Fevereiro de 2017.

NATIONAL ARCHIVES. n.d.. Analyze a Cartoon. National Archives: Educator Resources, Teaching with Documents, Document Analysis Worksheets. <<https://www.archives.gov/education/lessons/worksheets/cartoon>>. Acessado em 06 de Fevereiro de 2017.

PILLA, Armando, QUADROS, Cynthia Boos de. Charges: uma leitura orientada pela Análise do Discurso de linha francesa. Linguagens - Revista de Letras, Artes e Comunicação. ISSN 1981-9943. Blumenau, v. 3, n. 3, p. 226-239, set./dez. 2009.

SCALZO, Marília. **Jornalismo de Revista**. 4. ed., 3. reimpressão. São Paulo: Contexto, 2016.

